

A questão agrária no Brasil: alguns aspectos históricos e sociológicos

Aluna: Mayara Carolina Brighenti Pan

Repertório didático

- Sugere-se que as atividades a seguir sejam desenvolvidas juntamente aos alunos do 2º ano do Ensino Médio.

Atividade 1: A importância da agricultura familiar no abastecimento do mercado interno brasileiro e a concentração de terras.

Descrição da atividade: Estimular o debate, entre os alunos, sobre o papel da agricultura em nossas vidas – com destaque para os pequenos produtores e para a agricultura familiar –, tomando como ponto de partida o tema da alimentação. Introduzir os alunos à questão da concentração de terras no Brasil.

Objetivos: Promover reflexão acerca da importância do trabalho da agricultura familiar no abastecimento do mercado interno, com a produção dos alimentos que compõe “a mesa do brasileiro”. Promover reflexão acerca da oposição que se dá entre a importância do pequeno produtor no que tange ao cultivo de gêneros alimentícios e a enorme concentração de terras vigente no Brasil, que se manifesta no acesso, por parte do pequeno agricultor, a parte muito restrita do território brasileiro.

Previsão de desenvolvimento: uma aula (45 a 50 minutos).

Recursos necessários: Projetor para mostrar slides em Power Point com gráficos, charge e tabelas sobre o papel da agricultura familiar na produção de alimentos e sobre a concentração de terras no Brasil.

Dinâmica utilizada:

Discussão preliminar:

Iniciar a aula fazendo aos alunos a seguinte questão: “de onde vem aquilo que a gente come?”. É possível que respondam que o alimento vem do mercado, da feira, da mercearia. Caso a resposta seja semelhante a alguma dessas, estimulá-los com perguntas como: “mas e antes de chegar ao mercado, de onde ele vem?”. Continuar esta discussão até que os alunos remetam a origem dos alimentos à terra. Essa discussão preliminar é muito importante para que o aluno (em especial aquele que se encontra muito apartado do meio rural) reconheça o vínculo que há entre si (a partir da alimentação, que é necessidade vital do ser humano) e a produção agrícola. A partir daí, apresentar os dados sobre a produção de gêneros alimentícios no Brasil.

Exposição e exibição dos slides:

Ressaltar que há, no Brasil, propriedades rurais de diferentes portes. Há desde aquelas de grandes proporções, denominadas latifúndios, até pequenas propriedades rurais, onde se pratica agricultura familiar.

Utilizar o projetor para mostrar o slide com a tabela e a definição a seguir:

SLIDE 1: Participação da agricultura familiar na produção de gêneros alimentícios

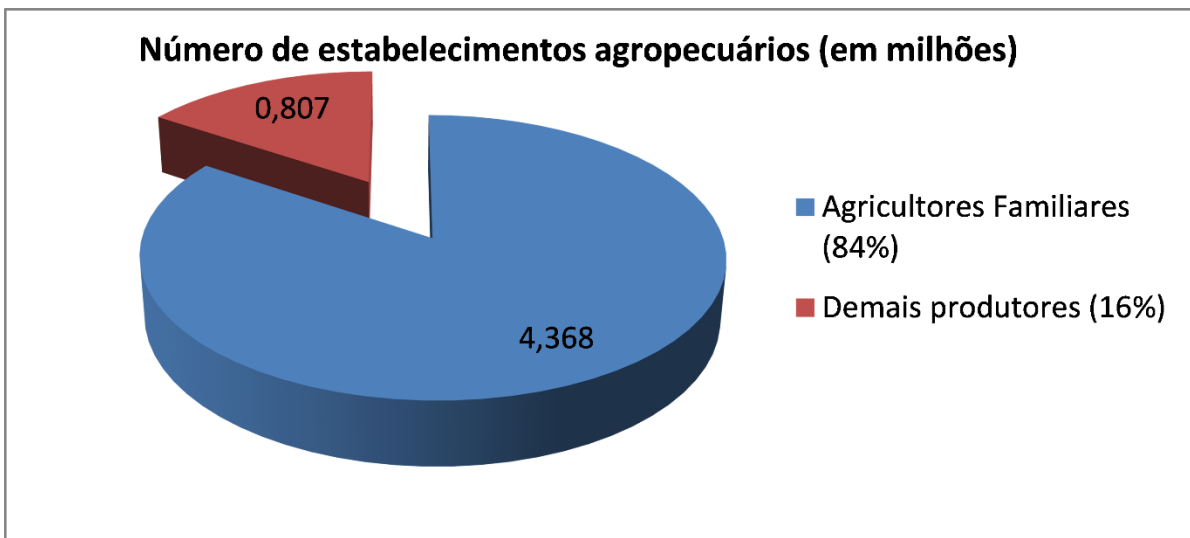
Produto	Participação
Mandioca	87,0%
Feijão	70,0%
Milho	46,0%
Café	38,0%
Arroz	34,0%
Leite	58,0%
Suínos	59,0%
Aves	50,0%
Bovinos	30,0%
Trigo	21,0%

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2006

Agricultura familiar: agricultura praticada por pequenos proprietários rurais. Tem como característica básica a utilização da mão de obra familiar.

A tabela que se encontra no slide 1 (disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/agricultura-familiar.htm>>) apresenta a importância do trabalho familiar, realizado em pequenas propriedades de terra (e, em geral, com pouco incentivo da esfera pública) para a produção de muitos dos gêneros alimentícios consumidos diariamente pelo brasileiro. Estimular que os alunos interpretem a tabela, estabelecendo como objetivo o reconhecimento, por parte deles, da importância da agricultura familiar como algo que influencia diretamente suas vidas.

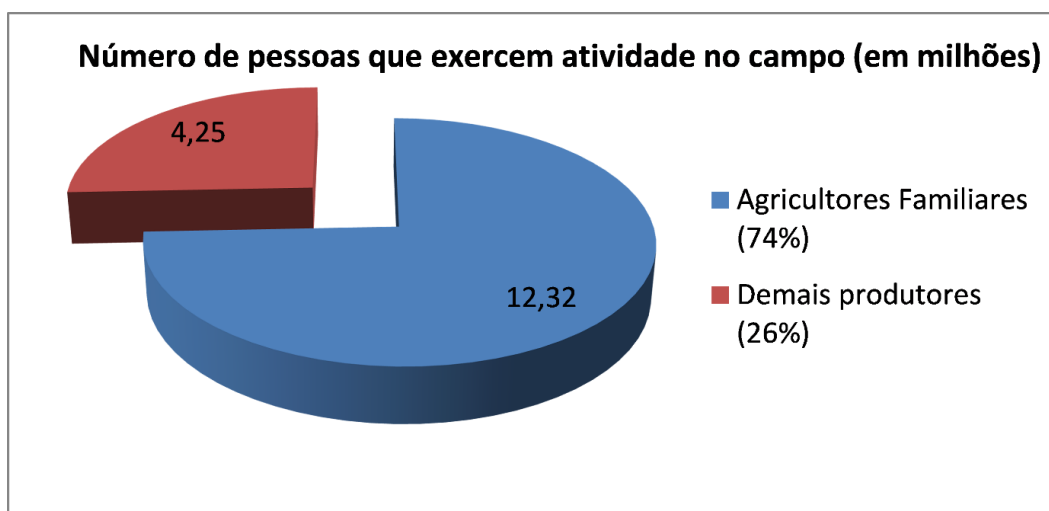
SLIDE 2: Número de estabelecimentos em que se pratica agricultura familiar X número de demais estabelecimentos



Fonte: CoDAF, disponível em <<http://codaf.tupa.unesp.br/informacoes/a-importancia-da-agricultura-familiar>>. Dados do Censo Agropecuário de 2006.

O gráfico mostra que a maior parte dos estabelecimentos agropecuários no Brasil são aqueles nos quais se pratica a agricultura familiar. Solicitar que os alunos interpretem esse dado, que deverá ser relacionado com os demais dados a serem apresentados nos slides que virão a seguir.

SLIDE 3: Número de pessoas que exercem atividade no campo – agriculta familiar X demais produtores

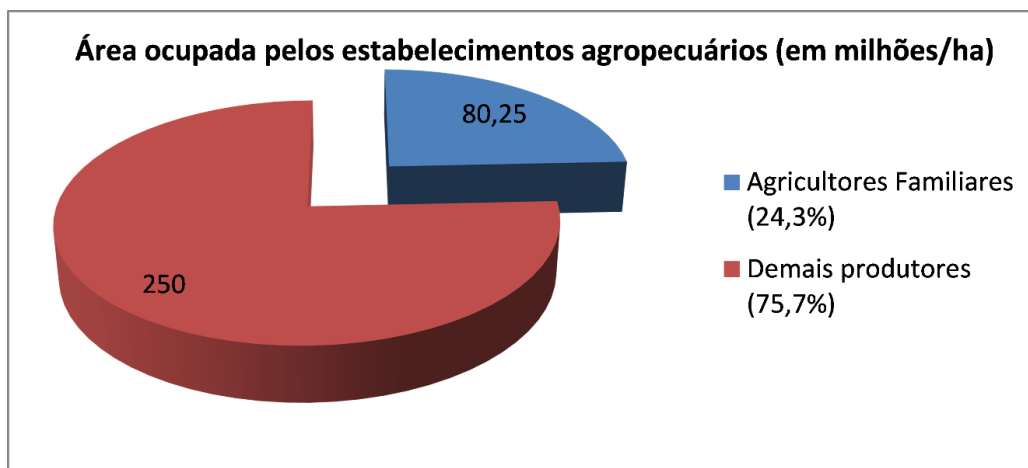


Fonte: CoDAF, disponível em <<http://codaf.tupa.unesp.br/informacoes/a-importancia-da-agricultura-familiar>>. Dados do Censo Agropecuário de 2006.

O gráfico mostra que a maior parte das pessoas que exercem atividade no campo são agricultores familiares. Tal dado complementa a informação apresentada no slide anterior: além de se realizar no maior número de estabelecimentos

agropecuários do Brasil, a agricultura familiar também é a atividade que emprega maior número de pessoas no campo. Solicitar que os alunos interpretem o dado fornecido nesse gráfico.

SLIDE 4: Área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários no Brasil



Fonte: CoDAF, disponível em <<http://codaf.tupa.unesp.br/informacoes/a-importancia-da-agricultura-familiar>>. Dados do Censo Agropecuário de 2006.

O gráfico acima deixa claro que, a despeito de ser a agricultura familiar aquela que se pratica na maior parte dos estabelecimentos agropecuários do Brasil, a área ocupada por esses estabelecimentos representa apenas uma pequena parcela da área total dos estabelecimentos agropecuários. Além disso, é nesses estabelecimentos, que ocupam uma área reduzida do território brasileiro, que se produz grande parte dos alimentos que consumimos diariamente. Estimular os alunos para que interpretem as informações contidas nesse gráfico e as relacionem com as informações contidas nos gráficos e na tabela apresentados anteriormente, de modo que comecem a delinear o problema da concentração de terras no país. A tabela que se apresentará no slide seguinte auxiliará no processo de síntese dos dados obtidos até aqui.

SLIDE 5: A concentração de terras no Brasil

ESTRUTURA FUNDIÁRIA DO BRASIL, 2003

tamanho dos imóveis	área total (ha)	% de área	% dos imóveis
Até 10	7.616.113	1,8%	31,6%
De 10 a 25	18.985.869	4,5%	26,0%
De 25 a 50	24.141.638	5,7%	16,1%
De 50 a 100	33.630.240	8,0%	11,5%
De 100 a 500	100.216.200	23,8%	11,4%
De 500 a 1000	52.191.003	12,4%	1,8%
De 1000 a 2000	50.932.790	12,1%	0,9%
Mais de 2000	132.631.509	31,6%	0,8%
Total	420.345.382	100,0%	100,0 %

Fonte: Cadastro do Incra - situação em agosto de 2003

Tabela disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/concentracao-fundiaria-raizes-historicas-da-questao-da-terra-no-brasil.htm>>.

A tabela sintetiza alguns dos dados que obtivemos nos slides anteriores: ao relacionar área e quantidade de imóveis agropecuários no Brasil, deixa clara a questão da concentração de terras no país. Deve-se solicitar que os alunos interpretem a tabela, auxiliando-os quando necessário, para que possam elaborar a noção de concentração de terras.

Perguntar aos alunos o que eles sabem acerca da concentração de terras no Brasil. Depois que tiverem debatido um pouco sobre a questão, apresentar o último slide:

SLIDE 6: A historicidade da concentração de terras no Brasil



Fonte: ANGELI. Terra para todos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 01 jul. 2003. p. A2.

Disponível em: <<http://geoconceicao.blogspot.com.br/2012/01/vestibular-2011-uerj-com-base-na.html>>.

A charge deixa clara a manutenção da grande propriedade de terra no Brasil no decorrer do tempo (palavras como “tetravô”, “tataravô”, “bisavô” remetem tanto à longevidade da grande propriedade de terra como sua hereditariedade, sua manutenção nas mãos de uma mesma família, de um mesmo grupo restrito de pessoas). Estimular os alunos a interpretarem essa charge, para que a partir dos levantamentos elaborados por eles possa-se expor que a concentração de terras no Brasil tem origem distante no tempo (para isso, sugere-se ao professor que se baseie no texto teórico acerca do tema).

Atividade 2: Elementos da cultura camponesa na cidade

Descrição da atividade: Solicitar que os alunos identifiquem manifestações culturais (festivas, religiosas, linguísticas) presentes na cidade que remetam à

cultura do homem do campo. Feito isto, expor os desenvolvimentos históricos que culminaram na expulsão de parte do campesinato do meio rural.

Objetivos: Estimular que os alunos reflitam sobre a presença de elementos da cultura camponesa nas cidades e que se questionem sobre a maneira como esses elementos “chegaram” à cidade. A partir dessa reflexão, elucidar a ideia de que, especialmente a partir da Lei de Terras de 1850 e do desenvolvimento de um mercado de terras no Brasil, houve expulsão de grande parte dos camponeses do meio rural, de modo a obrigar que muitos deles se dirigissem às cidades e que parte deles constituíssem as favelas (posto que as oportunidades de trabalho não eram suficientes para absorver a totalidade de camponeses expulsos).

Previsão de desenvolvimento: duas ou três aulas (de 45 a 50 minutos cada).

Recursos necessários: Ferramentas de busca da internet, a serem utilizadas pelos alunos (se possível, para que possam realizar a atividade em sala de aula), computador com acesso à internet para o professor e projetor para a exibição de vídeo.

Dinâmica utilizada:

Pedir que os alunos se organizem em grupos. Pedir aos grupos que identifiquem alguma manifestação cultural (festiva, religiosa, linguística etc) de origem camponesa que possa ser encontrada nas cidades, que tenha se integrado à “cultura urbana”. Para isso, podem se utilizar de ferramentas de busca da internet. Devem procurar caracterizar a manifestação cultural escolhida, selecionando seus traços fundamentais e evidenciando os elementos que a conectariam com uma “cultura camponesa”. Cada grupo terá de cinco a dez minutos para expor aquilo que encontrou na pesquisa.

Caso não haja a disponibilidade dos instrumentos de pesquisa necessários a realização da atividade em sala, pode-se propor a realização da pesquisa em casa

ou, caso não haja também essa possibilidade, pode-se apenas exibir em sala de aula um pequeno vídeo sobre a festa do Bumba-Meu-Boi (que ocorre no Morro do Querosene, situado no Butantã, zona oeste de São Paulo, ao lado da Cidade Universitária). O vídeo encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s82sEWUsFgg>>.

Neste vídeo, é possível observar elementos da cultura camponesa (comidas típicas, vestimentas, músicas, danças, encenações). Deve-se solicitar que os alunos identifiquem esses elementos. Há também outros elementos do vídeo a serem evidenciados pelo professor: no intervalo de 0:21 a 0:35 do vídeo, um morador do morro do querosene evidencia o caráter migrante de seu povo, que “veio” para a cidade. Tal fala ratifica a ideia de que a história do campesinato é uma “história de (e)migrações” (conforme salientamos no texto teórico sobre o tema).

A partir das explicações feitas pelos grupos de alunos e/ou do vídeo assistido em sala de aula, o professor deve levantar a seguinte questão, a ser debatida pelos alunos: como foi que essas manifestações culturais, típicas da cultura camponesa, chegaram às cidades? A partir das hipóteses levantadas pelos alunos, deve discutir o fato de que uma das importantes vias de chegada da cultura camponesa nas cidades se deu com a expulsão dos camponeses do meio rural (iniciada sobretudo a partir da Lei de Terras de 1850, com a criação do mercado de terras no Brasil, e acirrada na república – tudo isso pode ser encontrado com maior detalhe no texto teórico sobre o tema). Parte dos camponeses expulsos se dirigiram às cidades. Não havendo oportunidade de emprego na cidade para todos, houve aqueles que foram obrigados a se estabelecer nas favelas.

Atividade 3: As relações de posse, domínio e propriedade no campo – conflitos.

Descrição da atividade: Discutir, a partir da exibição de um documentário, as relações de posse, domínio e propriedade da terra no Brasil, apresentando um

panorama histórico sobre o tema. Apresentar as lutas camponesas travadas no Brasil em torno dessas relações.

Objetivos: Promover a reflexão dos alunos acerca das relações de posse, domínio e propriedade da terra no Brasil, levando em conta suas alterações e permanências no decorrer do processo histórico, e seu impacto na estrutura fundiária do país. Observar que nenhuma dessas relações foi encarada com passividade pelo camponês: luta e resistência são elementos que se encontram sempre presentes em sua história.

Previsão de desenvolvimento: duas aulas (de 45 a 50 minutos cada).

Recursos necessários: Computador com acesso à internet e projetor para a exibição de vídeo (caso não haja acesso à internet na escola, é possível baixar o vídeo diretamente do YouTube para exibi-lo em sala de aula).

Dinâmica utilizada: Exibição do documentário “Engenho Prado – Guerra de Baixa Intensidade na Zona da Mata Norte de Pernambuco”.

Engenho Prado – Guerra de Baixa Intensidade na Zona da Mata Norte de Pernambuco

Local de Produção: Tucunharém (PE) – Brasil

Ano: 2003

Duração: 30 minutos

Produzido por: Telephone Colorido

O documentário trata da expulsão de posseiros em Tucunharém, no Pernambuco, instalados, há 7 anos, em terras improdutivas há mais de 25 anos, cuja propriedade era do Grupo Industrial João Santos, ressaltando os conflitos, a repressão e a violência que se dão em torno da questão da terra.

Após a exibição do documentário, pedir aos alunos que levantem aquilo que entenderam e aquilo sobre o qual ficaram dúvidas. Incentivar que discutam sobre o assunto. A partir do que for discutido, chamar a atenção para a presença de conflitos durante grande parte da história do campesinato brasileiro. Explicar os dispositivos criados, no decorrer da introdução do capitalismo no campo, para regular as relações de posse, domínio e propriedade da terra, explicando bem o significado de cada um desses conceitos – é interessante que o professor crie (pode até mesmo ser por meio de um desenho na lousa) uma linha do tempo que apresente a vigência no tempo da Lei de Semarias, da Lei de Terras (também seria interessante marcar o início da república, em que as determinações implicadas na Lei de Terras se acirraram), do Estatuto da Terra e da Constituição de 1988. Para cada um desses momentos, deve-se apresentar algumas das formas de luta e resistência do campesinato – que podem ser as Guerras Camponesas (a de Canudos, por exemplo), a formação das Ligas Camponesas, da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB, que posteriormente se transformou na CONTAG, Confederação dos Trabalhadores Agrícolas), a criação do MST etc. (para isto, pode-se tomar por base aquilo que consta no texto teórico acerca desse tema).

Atividade 4: A questão agrária no Brasil – reflexões finais.

Descrição da atividade: Sintetizar por escrito, a partir de uma matéria de jornal e da letra de uma música, os elementos que foram apreendidos nas atividades anteriores.

Objetivos: Estimular a capacidade do aluno de articular e sintetizar os conteúdos aprendidos a partir das diferentes abordagens acerca da questão agrária propiciadas pelas atividades anteriores.

Previsão de desenvolvimento: duas aulas (de 45 a 50 minutos cada).

Recursos necessários: Computador com acesso à internet e projetor para a exibição de vídeo (caso não haja acesso à internet na escola, é possível baixar o vídeo diretamente do YouTube para exibi-lo em sala de aula), cópias impressas da letra de uma música, cópias impressas de uma matéria de jornal (caso não seja possível providenciar tamanho número de cópias impressas, pode-se optar pela alternativa de escrever a letra da música na lousa).

Dinâmica utilizada: Relembrar com os alunos a discussão anterior sobre as manifestações culturais camponesas. Apontar a música caipira (é possível que tenha sido lembrada pelos alunos na atividade 2) como uma forma de manifestação cultural camponesa. Exibir vídeo da música “Ladrão de Terra”, interpretada por Jacó e Jacozinho, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EgM1h1tbWI>>. Perguntar as impressões dos alunos sobre a música após a primeira audição. Entregar a letra da música para que possam ler. Escutar a música novamente.

Letra da música (disponível em <<https://www.letras.mus.br/jaco-jacozinho/883333/>>):

Ladrão de Terra

Jacó e Jacozinho

Tinha eu catorze anos, quando deixei meu estado

Meu pai era sitiante, trabalhador e honrado

Por este mundão de Deus, eu dei murro no pesado

Quando a sorte me sorria o meus plano foi cortado

Triste notícia chegava, meu destino transformava, eu fiquei um revortado

Meu pai tinha falecido na carta vinha dizendo

As terras que ele deixou minha mãe cabou perdendo

Para um grande fazendeiro que abusava dos pequeno
Meu sangue ferveu na veia quando eu fiquei sabendo
Invadiram as terra minha, tocaram minha mãezinha pra roubar nosso terreno

Eu vortei pra minha terra foi com dor no coração
Procurando meus direito eu entrei num tabelião
Quase que também caía nas unhas dos gavião
Porque o dono do cartório protegia os embrulhão
Me falou que o fazendeiro, tinha rios de dinheiro pra gastar nesta questão

Respondi no pé da letra não tenho nenhum tostão
Meu dinheiro é dois revorvi e balas no cinturão
Se aqui não tiver justiça, para minha proteção
Vou mandar os trapaceiro pra sete parmos de chão
Embora sai uma guerra, vou matá ladrão de terra dentro da minha razão

Negar terra pro caboclo ai ai
É negar pão pro nossos filho ai ai
Tirá terra dos caboclo ai ai
É tirá o Brasil do trilho ai ai

Nois tava de onze a onze na parada nesse dia
O pobre é carta baixa e os rico são as mania
Foi uma chuva de bala só capanga que corria

Foi pela primeira vez, que o dinheiro não valia

O baruío acabô cedo, mim entregaram foi de medo terras que me pertencia

Na cerca de minha terra ai ai

Nem mexê ninguém imagina ai ai

Os arame são de bala ai ai

Com morão de carabina ai ai

Identificar, junto aos alunos, os elementos contidos na letra que remetam aos assuntos já debatidos anteriormente: a caracterização do camponês como migrante (“tinha eu quatorze anos, quando deixei meu estado”), a perda da terra, empregada na agricultura familiar (note-se as figuras do pai e da mãe), para um grande proprietário (“As terras que ele deixou minha mãe cabou perdendo / Para um grande fazendeiro que abusava dos pequeno”), o posicionamento do poder público que se dá, em grande parte das vezes, no sentido de defender os interesses do grande proprietário de terra (“Procurando meus direito eu entrei num tabelião / Quase que também caía nas unhas dos gavião / Porque o dono do cartório protegia os embrulhão”) e os conflitos que, por conta de todos esses fatores, ocorrem em torno do direito à terra, e que na maior parte das vezes se manifestam de forma extremamente violenta (“Se aqui não tiver justiça, para minha proteção / Vou mandar os trapaceiro pra sete parmos de chão / Embora sai uma guerra, vou matá ladrão de terra dentro da minha razão”).

Depois disso, a cópia da matéria de jornal intitulada “Pelo 5º ano, Brasil é líder em mortes em conflitos de terra; Rondônia é Estado mais violento no campo” (disponível em: < <http://noticias.terra.com.br/brasil/pelo-5-ano-brasil-e-lider-em-mortes-em-conflitos-de-terra-rondonia-e-estado-mais-violento-no-campo,3ac95799e0f9a90c00e937634c6ae3a0bj1d186f.html>>) deve ser entregue aos alunos, para que se faça, junto com eles, sua leitura:

Pelo 5º ano, Brasil é líder em mortes em conflitos de terra; Rondônia é Estado mais violento no campo

BBC BRASIL.com

20 jun. 2016, 17h09, atualizado às 17h27

Desde 2011, o Brasil é o país onde mais pessoas morrem em conflitos de terra no mundo. Divulgado nesta segunda, o relatório "Em Solo Perigoso", da ONG Global Witness, traz o país mais uma vez no topo do ranking de assassinatos violentos provocados por disputas de território rural.



Indígenas representam 40% das mortes por conflitos de terra no mundo

Foto: Ag. Câmara / BBCBrasil.com

No ano passado, 185 pessoas morreram em situações de violência no campo em todo mundo. Só no Brasil, foram 50 - os Estados mais violentos são Rondônia e Pará, com 20 e 19 mortes, respectivamente.

No relatório, a Global Witness alerta para a falta de investigação de crimes relacionados a conflitos de terra no Brasil e pede maior proteção a ativistas da causa.

A ONG cita a história de Isídio Antônio, líder de uma comunidade de pequenos produtores do Maranhão e uma das vítimas mais recentes - ele recebeu diversas ameaças de morte por denunciar extração ilegal de madeira e acabou assassinado.

O crime não foi solucionado, lembra a organização.



Extração ilegal de madeira colabora para mortes no campo, afirma ONG

Foto: Wilson Dias/ABr / BBCBrasil.com

A Global Witness também chama a atenção para a violência provocada pela extração ilegal de madeira.

Há uma estimativa de que 80% da madeira extraída no Brasil seja fruto de operações ilegais - isso representaria 25% da madeira ilegal no mercado mundial, cujos maiores compradores são os Estados Unidos, a China e o Reino Unido.

"Os assassinatos que ficam impunes em remotas áreas de mineração ou no interior das florestas tropicais são impulsionados pelas escolhas que os consumidores estão fazendo do outro lado do mundo", disse Billy Kyte, um dos autores do estudo.

"As empresas e os investidores devem cortar relações com os projetos que desrespeitam os direitos das comunidades às suas terras."

Maiores vítimas

Em 2015, 40% das vítimas contabilizadas em todo o mundo eram indígenas, afirma o relatório da Global Witness.

"O frágil direito à terra e o seu isolamento geográfico fazem com que esse grupo seja um alvo frequente da apropriação ilegal de terras e de recursos naturais", afirma o documento.

A ONG coloca como principais responsáveis pelas mortes no campo a indústria de minérios (responsável por 42 assassinatos), o agronegócio (responsável por 20), a extração de madeira (responsável por 15) e as usinas hidroelétricas (responsável por 15).

A entidade também aponta que o número real de mortes tende a ser bem maior, já que os casos costumam ser subnotificados.



Crimes provocados por conflitos de terra muitas vezes ficam sem solução

Foto: Pablo Rodrigues / BBCBrasil.com

Além do Brasil, outros países que aparecem na parte de cima da lista são as Filipinas, com 33 assassinatos, seguida por Colômbia (26), Peru (12), Nicarágua (12) e República Democrática do Congo (11).

Na conclusão do relatório, a Global Witness faz um apelo para que os países que aparecem na lista tomem medidas urgentes para combater a violência no campo. Entre elas:

- Aumentem a proteção de ativistas ambientais que correm riscos de violência, intimidação ou ameaças;
- Investiguem os crimes, incluindo seus idealizadores corporativos e políticos, assim como os assassinos, e apresentem os autores à Justiça;

- Apoiem o direito de ativistas de dizer não a projetos em suas terras, e assegurem que as companhias busquem o seu consentimento prévio;
- Solucionem as causas subjacentes da violência contra defensores (as), reconhecendo formalmente os direitos das comunidades a suas terras e combatendo a corrupção e as ilegalidades que assolam os setores de recursos naturais.

Após a leitura da matéria jornalística com os alunos, propor que levantem aquilo que entenderam. A partir dos apontamentos feitos, retomar a questão da magnitude dos conflitos de terra no Brasil e de sua permanência ao longo da história como forma de resistência política no que tange à questão do direito à terra.

Terminada uma breve discussão, propor que os alunos elaborem, individualmente ou em grupo, um texto em que relacionem a letra da música ouvida e a reportagem lida aos assuntos sobre os quais refletimos nas aulas anteriores, ressaltando seus aspectos centrais e articulando-os.